



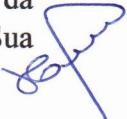
ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS
CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA

ATA DA 1ª SESSÃO ESPECIAL DO 6º PERÍODO DA 18ª LEGISLATURA DA
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS, ESTADO DA PARAÍBA, PARA “ALUSÃO AO
AGOSTO LILÁS”, REALIZADA NO DIA 30 DE AGOSTO DE 2023.

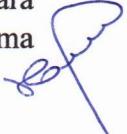
Aos trinta dias do mês de agosto do ano dois mil e vinte e três, com início às dezenove horas, em sua sede, localizada na Rua Horácio Nóbrega, nº 600, no Bairro Belo Horizonte, nesta cidade, reuniu-se a Câmara Municipal de Patos, sob a presidência da Vereadora Valtide Paulino Santos, secretariada pelo Vereador Emanuel Rodrigues de Araújo, 1º Secretário, e Willami Alves de Lucena, 2º Secretário “Ad hoc”. Compareceram à presente Sessão Solene, os Vereadores: Decilânio Cândido da Silva (SOLIDARIEDADE), Emanuel Rodrigues de Araújo (PROS), José Italo Gomes Cândido (REPUBLICANOS), Maria de Fátima Medeiros de Maria Fernandes (REPUBLICANOS), Valtide Paulino Santos (PSL) e Willami Alves de Lucena (PROS), em um total de 06 (seis) Vereadores. Os Vereadores: Cicera Bezerra Leite Batista (SOLIDARIEDADE), David Carneiro Maia (DC), Fernando Rodrigues Batista (AVANTE), Francisco de Sales Mendes Junior (REPUBLICANOS/Líder do Governo), Jamerson Ferreira de Almeida Monteiro (PL), João Carlos Patrian Junior (REDE), José Gonçalves da Silva Filho (PT), Josmá Oliveira da Nóbrega (PATRIOTA), Kleber Ramon da Silva Araújo (PSL), Marco César Sousa Siqueira (PSC) e Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes (REPUBLICANOS) não compareceram à presente Sessão. Por solicitação da Senhora Presidente, o Vereador Italo Gomes e a Vereadora Maria de Fátima recepcionaram os seguintes convidados: a Senhora Mariinha Carvalho; a Senhora Gabriele Alves, Psicóloga; a Secretária Executiva de Políticas para a Mulher de Patos, Brígida Emanuelli; a Secretária de Estado da Mulher, Lídia Moura; o empresário do Grupo Guedes, Luiz Guedes; o Vice-Prefeito Jacob; Milena Brito Diretora, da FUNES. Em seguida, o Cerimonialista, Célio Martinez citou as presenças de: Roberta Bezerra, da TV Sol; Cristiano Santos de Araújo; Séfora Cândida, Diretora da Maternidade; Ionara, professora da UNIFIP; Alessandra Pereira, Diretora da Policlínica Feminina; Maria Selene Nascimento, representando a Diretora do Fórum Miguel Sátiro, a Doutora Josileide; Fabiana Rodrigues da SECUT; Ângela Alves de Lacerda, da Sexta Gerência Regional de Saúde; Danúzia Ramos, representando o Detran; a Secretária Germana Wanderley, Secretária de Cultura do Município de Patos. Na sequência, a Senhora Presidente convidou a todos a ficarem de pé para ouvir o Hino Nacional. Após a execução do Hino Nacional, o 1º Secretário fez a leitura do dia: “ESTADO DA PARAÍBA. CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. REQUERIMENTO Nº 1.147/2023 - SOLICITA DA MESA DIRETORA MARCAR UMA SESSÃO ESPECIAL PARA O DIA 30 DE AGOSTO DE 2023, ÀS 19 HS, NO PLENÁRIO DESTA CASA LEGISLATIVA, EM ALUSÃO AO AGOSTO LILÁS. Na forma regimental, após consultado plenário, requeiro à Mesa Diretora da Câmara Municipal de Patos-PB, a realização de uma Sessão Especial, no dia 30 de agosto de 2023, às 19 horas,

A handwritten signature in blue ink, appearing to be the name of the author or witness.

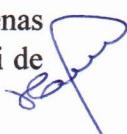
em alusão ao agosto lilás. Justificativa: A campanha Agosto Lilás foi criada em Referência à sanção da Lei Maria da Penha (Lei Federal nº 11.340/2006), assinada no dia 7 de agosto, e que este ano completa 17 anos. Essa Lei foi elaborada para amparar as mulheres vítimas de violência, seja ela física, sexual, psicológica, moral ou patrimonial, sensibilizar e conscientizar a sociedade sobre o necessário fim da violência contra a mulher. O agosto Lilás é uma importante ação de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher, com o objetivo de dar visibilidade ao tema e ampliar os conhecimentos sobre os dispositivos legais existentes e como auxiliar as mulheres que sofrem essas violências, esclarecendo sobre as diversas formas de violência doméstica, os direitos das mulheres e a necessidade da equidade de gênero. A informação é uma ferramenta importante nessa luta. Conhecer os casos previstos é fundamental para que tanto as vítimas, como familiares e amigos, possam identificar as agressões e procurar ajuda, denunciar os crimes e romper com o ciclo de violência. VALTIDE PAULINO SANTOS - VEREADORA/AUTORA.” O Mestre de Cerimônia registrou as presenças dos acadêmicos do Curso de Direito das Faculdades Integradas de Patos – UNIFIP; de Pollyanna Guedes, Secretária de Controle Interno do Município de Patos; Douglas Cascudo, do Colégio Ágape; da Irmã Aparecida Diretora, do Colégio Cristo Rei; Vila Ramos, da Atenção Especializada; Juliana Medeiros e Gislene Maciel representando a OAB. Atendendo convite do Cerimonialista fez uso da palavra a **Jornalista Dilâny Silva**: “Boa noite a todos. Hoje é um dia de celebração, empoderamento e também muito progresso. Nós nos reunimos aqui pra marcar o lançamento de algo que significa mais do que um simples documento, esta Cartilha é a expressão tangível do compromisso contínuo com a igualdade, a justiça e direitos de todas nós mulheres, além de todos os homens em formação ou não. Nossa jornada para igualdade de gênero tem sido marcada por avanços significativos, mas também por desafios pertinentes. A cada passo adiante, nos aproximamos do dia em que todos, a partir de uma conscientização, poderão viver sem limitações, sem medo e com a plena realização de seus potenciais. A Cartilha da Mulher, que estamos lançando hoje, é antes de tudo um símbolo de esperança, informação e capacitação. Ela reúne em suas páginas os direitos que todas as mulheres merecem e devem desfrutar em todas as esferas da vida, desde o direito à educação até o direito de decidir sobre o próprio corpo. Esta Cartilha é um guia essencial para que toda a sociedade conheça e reivindique seus direitos com confiança, principalmente. Senhora e senhores pra que nós quebremos o protocolo, eu queria neste momento vocês dessem uma salva de palmas pra todos nós, nós estamos vivenciando hoje um marco na nossa história. E pra continuar essa noite de celebração, é com grande honra, mas também muito entusiasmo, que damos as boas-vindas a Doutora Gabrielle Alves, uma voz respeitada e dedicada na área da Psicologia e no apoio às mulheres vítimas de violência. Hoje nós temos a honra de tê-la como palestrante principal, compartilhando os seus conhecimentos insight em nosso evento de lançamento dessa Cartilha da Mulher. Com uma vasta experiência e um coração comprometido com a justiça e o bem estar, a Doutora Gabrielle tem sido uma força motriz na defesa dos direitos das mulheres e na promoção de ambientes seguros e saudáveis. Sua dedicação incansável em proporcionar apoio emocional, orientação e ferramentas práticas para mulheres que enfrentam desafios difíceis é admirável e também inspiradora. Doutora Gabrielle é ainda uma renomada psicóloga, palestrante e defensora dos direitos das mulheres. Com uma carreira que se estende por anos de trabalho apaixonado e comprometido, ela se estabeleceu como uma referência no campo da psicologia feminina e na abordagem de questões relacionadas à violência de gênero. Sua



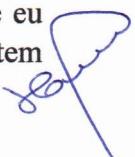
palestra de hoje promete oferecer uma visão mais vivencial das questões abordadas nessa Cartilha. Por meio de sua sabedoria, empatia e conhecimento prático, estamos ansiosos, estejam também, para aprender com ela, refletir sobre o que foi compartilhado e inspirar ações significativas em nossas vidas e comunidades. Recebam por favor, com uma forte salva de palmas a Senhora Gabi Alves.” A Senhora Presidente disse: “Antes da doutora iniciar as palavras, queremos registrar a presença de Pedro Leitão, e com muita honra queria convidar Doutora Sílvia, para participar dos nossos trabalhos.” Com a palavra, **Dra. Gabielle Alves** disse: “Boa noite a todos. Eu gostaria inicialmente de cumprimentar a Presidente da Câmara, mulher, Tide Eduardo. Obrigada pelo convite. A todos os representantes do estado e do município, e, principalmente, a todas as mulheres que estão na plateia. Sejam todas bem-vindas! Aqui vocês têm voz e a gente também quer ouvir vocês. Meu nome é Gabrielle Alves, eu sou psicóloga clínica, sou formada há oito anos pelas Faculdades Integradas de Patos. E antes de iniciar minha fala, eu gostaria de agradecer de estar aqui exatamente neste lugar, onde Eisenhower Brito Segundo foi eleito vereador, mas ele não com seguiu estar nesta bancada, mas eu sei que hoje ele está na bancada aplaudindo, que é meu irmão. Eu sei que está nesse lugar hoje, pra mim, tem um lugar bem especial no meu coração também como mulher. Então, como a gente começa a conversar sobre o agosto Lilás? Existem duas frases que eu sempre uso no consultório, que hoje eu vou trazer pra vocês pra falar sobre a violência contra a mulher: boca fala aquilo que o coração está cheio. Então, eu já inicio dizendo a você que toda ameaça ela sempre tem um fundo de verdade, tudo o que a gente fala com certeza é uma consequência do que interiormente nós estamos alimentando dentro da gente. E outra coisa que eu gostaria de pontuar também, que é a minha segunda frase, que aí a gente vai começar a conversar, é que o agosto lilás precisa sair dessas bancadas e ir pra nossas casas. Eu tenho feito palestras em escolas, em Câmara, em clínicas, e eu queria que o agosto lilás se tornasse o agosto lilás dentro das nossas casas, dentro das nossas famílias, porque muitas vezes nós somos expostos a situações de vulnerabilidade dentro da nossa casa. E o que acontece? A gente vai numa escola, a gente orienta as nossas crianças, mas dentro de casa eles convivem com a violência todos os dias. Então, todas as vezes que vocês pensarem no agosto lilás, hoje convido pra vocês levarem o agosto lilás pra casa, os homens que estão na plateia principalmente. Então, falar sobre os tipos de violências, trazer pra vocês os cinco tipos e, principalmente, a violência psicológica, não é só um desafio, mas é algo extremamente importante, porque não é apenas uma mulher que é violentada, é uma família. A cada seis horas uma mulher é vítima de violência, e não é apenas essa mulher, é a filha, é o filho, é a tia, é a mãe, é o pai. Eu não conheço ninguém que foi vítima de violência que só ficou nela. Então, todas as vezes que a gente começa a pensar sobre como que a Psicologia pode auxiliar nesse agosto lilás, como que a Psicologia, a saúde mental, o autoconhecimento, pode ser um suporte pra essas mulheres. A gente precisa entender urgentemente, o agosto lilás é uma temática pelos dezessete anos da Lei Maria da Penha, mas a gente precisa não apenas olhar pra o agosto lilás com a mulher, mas com toda uma família. Então, trazer esse parâmetro da família é fazer com que vocês reflitam um pouco sobre, primeiramente, a educação que estamos dando aos nossos filhos homens. Existe um programa no instituto que eu atendo, o Instituto Enflorescer, que a gente começou com o nome ‘Floresça Mulher’, que é um projeto para atender mulheres vítimas de violência. E hoje a gente começou um novo projeto pra gente atender os agressores, porque muitas vezes a gente vem pra várias palestras, vários debates, e a gente não para pra pensar na educação atual das nossas crianças. A menina que hoje é exposta a uma



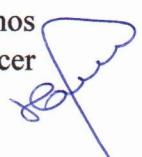
violência, ela é uma futura vítima. O menino que hoje não consegue ter uma educação como uma forma mais respeitosa, ele é um futuro agressor. Então, pra que a gente tente diminuir as estatísticas, o prejuízo psicológico, nós precisamos ir pra onde, gente? Para as nossas casas, para as nossas crianças, para o lar. E lá quantas vezes nos deparamos com as estatísticas absurdas, mas a gente não para pensar: dentro da nossa casa o quer que eu estou fazendo pelo Agosto Lilás? Quantas vezes eu me deparo com mulheres profissionalmente exemplares, mas vítimas de violências dentro de casa. Parece que não é a mesma mulher, parece que aquela mulher, que muitas vezes está lá na frente palestrando no microfone, não sofre violência dentro de casa. E 90% (noventa por cento) das mulheres no meu consultório hoje, extremamente bem sucedidas, elas são vítimas de violência dentro de casa. Eu sempre me pergunto isso, o que foi que aconteceu que a mulher cresceu tanto profissionalmente, e se diminuiu tanto interiormente. Então essa chamada do ‘Agosto Lilás’ não é apenas uma chamada pra que a gente comece a pensar só na mulher, volto a dizer, mas é em todo um contesto familiar que está envolvido. A assistência social não pode apenas se limitar a mulher violentada, porque o agressor também precisa ser cuidado. E voltando um pouco pra o nosso contexto lá da educação, como eu pontuei, que é um ponto que eu quero puxar a orelha mesmo e massificar cada vez mais com vocês, voltando o ponto pra essa educação, eu chamo a atenção dos pais que estão nessa plateia, ou dos filhos que estão nessa plateia, como que hoje eu olho, enxergo e respeito a figura feminina? Como eu estou aprendendo a conviver com a figura feminina? O que estão me ensinando e, principalmente, o que eu estou visualizando o que é uma mulher? Essa é pergunta que a gente nunca consegue dimensionar, nem muito menos minimizar em palavras, o que é uma mulher. Eu me atrevo a dizer a vocês que uma mulher é sem palavras, porque a mulher ela gera vida; e se a gente começar a pensar no poder que é gerar uma vida a gente vai entender também o poder da nossa fala, porque não geramos vidas apenas no ventre, mas também quando a gente para se respeita e colocamos a nossa voz pra nos defender. Então todos os dias é dia de Agosto Lilás, todos os dias é dia de pensar um pouco o que é uma mulher, como que eu trato as mulheres. Eu gosto de dizer e eu gosto de lançar uns desafios aos vereadores, que eu tenho passado pelas Câmaras, principalmente no Rio Grande do Norte, que hoje é onde eu moro, que, quando terminar a audiência ou a sessão, eles precisam chegar em casa dar boa noite as mulheres deles; porque muitas vezes eles estão na audiência, me desculpem, mas, infelizmente, é o que a maioria faz, muitas vezes estão na audiência estão tratando todas as mulheres que estão na plateia bem, mas chegam em casa e não dão boa noite a sua esposa. Então é essa a necessidade que eu falo do Agosto Lilás, é essa a importância do Agosto Lilás, porque se a gente não começa a tentar sanar dentro da nossa própria casa, me desculpe, mas em vão vai ser todas as políticas públicas que a gente tem espalhadas por aí, que são fantásticas, mas que a gente precisa levar pra dentro da nossa casa. E todas as cartilhas, que nós distribuímos todos os dias, precisam também serem criteriosamente seguidas dentro da nossa casa e, principalmente, aqueles representantes do povo precisam representar com exemplo na sua própria vida. E aí o que é importante a gente esclarecer? Como todos já sabem, eu tenho certeza que já foi bem debatido, os tipos de violência. Eu gosto de dizer que a violência psicológica é a porta de todas as outras, mas é a porta que todo mundo passa e ninguém sabe quem passou por ela. Então quantas mulheres estão sendo vítimas de violência e, muitas vezes, num processo terapêutico, de escuta mesmo, elas começam a tomar consciência que estão sendo vítimas de violência. E não é apenas naquele instante, naquele segundo, naquele insight, no momento que a gente está ali de



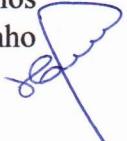
fala, muitas vezes é de uma vida inteira, muitas vezes ela está há quinze anos em violência, mas em quinze minutos ela se deu conta. Então a violência psicológica causa um prejuízo destrutivo na imagem feminina, principalmente quando a mulher se percebe que ela mesma se tornou vítima da violência que ela fingiu não ver. E muitas vezes esse fingir não ver e não se dar conta é pela fragilidade econômica, fragilidade financeira e, principalmente, fragilidade emocional. Então, todas as vezes que a gente pensar na violência, a gente precisa lembrar da importância desse fortalecimento emocional. O que é que acontece gente, cognitivamente mesmo falando, quando a mulher tem consciência de que está certa, de que ela não é louca, que eu acredito que a maioria já foi, de que ela não é louca, mas aquele agressor, com uma fala muitas vezes gera nela uma intimidação, começa a pressionar pra que ela se assuma culpada algumas vezes. O que é que acontece Gabrielli, cognitivamente? Um processo terapêutico de alto conhecimento existe algo fantástico chamado tomada de consciência. Então, todas as vezes que o indivíduo toma consciência, automaticamente ele começa a modificar o seu comportamento. E prestem a atenção o que acontece quando a mulher ela começa a entrar no conflito entre a consciência dela e aquela voz que a intimida. Ela está pisando no processo de consciência dela, e é por isso que a maioria perde sim a sua saúde mental, porque ela gera um conflito, um colapso na sua saúde mental. Ela começa a pisar na própria consciência, porque a voz que a intimida é tão forte, e ela gera uma pressão psicológica tão grande que essa mulher ela entra num colapso e, muitas vezes, ela não se dar conta desse colapso. E aquilo que muitas vezes começou na voz, no grito, se estende pra violência patrimonial, a mulher começa a se anular; ele se estende para a violência física, mas começou emocionalmente. Vocês conseguem perceber a importância da nossa saúde mental? Eu gosto de dizer que a gente anda sem um braço, sem uma perna, mas sem a nossa mente a gente não anda não. Se você não estiver bem mentalmente, você nem trabalha. Então pisar na consciência, Gabrielli, como assim? Todos os dias quando a gente escuta aquele velho jargão: 'as vezes eu prefiro ter paz do que ter razão', só que muitas vezes a gente tem certeza que a gente tem razão, que estamos certas, e ninguém fica em paz passando por cima da própria consciência. Ora se um processo terapêutico é pra que o paciente comece a tomar consciência de si, e ele comece a firmar a sua própria identidade, como que você vai ter saúde mental se você mesmo passa por cima de sua consciência? É impossível, gente. É impossível. Se faz necessário não apenas tomar consciência diante de uma abordagem, de uma temática, eu sei que passaram um mês inteiro tomando consciência sobre essa violência, mas a gente precisa parar, reparar e falar; criar espaços de fala, começar a pedir ajuda, começar a pedir socorro, começar a tentar sair daquela situação que eu sei, eu entendo perfeitamente que todos os dias eu sei a dificuldade que uma mulher tem de sair de um relacionamento abusivo, ou qualquer situação abusiva, seja no trabalho, ou seja em casa. Mas a gente precisa abrir espaços de fala urgentemente. E quando eu falo espaços de fala, não é aqueles espaços de fala que a gente sai sem falar nos lugares certos, mas são espaços de fala nos lugares certos, que lhe auxilie a sair dessa situação. Se você não dar voz a sua dor, ninguém vai dar. Se você não dar voz a violência, ninguém vai perceber. Se a marca física está ali visível, e você não fala, ela não vai falar por você. Quantas mulheres eu já me deparei marcadas fisicamente, mas que aquela marca lhe parecia que não tinha fala nenhuma, porque ela não tinha força de falar. Ou abrimos espaços de fala, falas conscientes, falas para ajudar e auxiliar, ou a gente não consegue diminuir o número da estatística, que é alarmante, é alarmante. Todas as vezes que eu abro o grupo pra fazer as escutas no Projeto Floresça Mulher, muitas vezes nem vaga tem



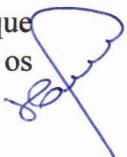
mais, e sabe qual é a frase que eu mais escuto? ‘Eu não sei pra quem eu digo, eu estou cansada de falar nisso’. Ela está cansada dela mesma, ela está cansada de não ter força de sair da situação. E como é triste a gente se deparar com a mulher muitas vezes, que a gente sabe a potencialidade e a qualidade dela, porque todas nós temos, e ela está literalmente acorrentada nela mesma, porque ela não se ver capaz. Como é triste, como dói a gente se deparar com essas realidades, e como é importante, todos os dias, a gente fazer esse processo de reflexão. A gente precisa sair do piloto automático. Parece que quando a gente fala em Agosto Lilás, Setembro Amarelo, a gente levanta um botãozinho de alerta, mas que, na verdade, o alerta tem todo dia, toda hora. Teve uma sessão que eu fiz semana passada, em Santa Cruz, no Rio Grande do Norte, tinham umas mulheres na plateia, e eu pedi apenas uma única coisa: quem já foi vítima de algum tipo de violência levante a mão. Ninguém ficou de mão baixa, todas levantaram. Quem já foi vítima de algum tipo de violência, alguma mulher que está na plateia, por favor, levante a mão. Não existe classe social pra ser vítima de violência, não existe profissão para ser vítima de violência, não existe categoria para as vítimas da violência, só precisa ser muitas vezes mulher. Da mesma forma que eu falo que a depressão não escolhe quem ela atinge, todos os aborrecimentos mentais não escolhem, e, infelizmente, o nome é esse mesmo, infelizmente. Apesar da psicologia ter ganhado uma amplitude gigante nos últimos anos, principalmente pós-pandemia, infelizmente ainda é um tabu, principalmente as mulheres de classe social alta ainda é um tabu ela dizer que ela é vítima de violência. E por mais que a gente saiba que nas periferias o número é bem maior, porque é mais visível, na classe alta também o número é exorbitante. E são mulheres muitas vezes que são mascaradas por uma joia, por uma maquiagem ou por um valor ali, quando, na verdade, elas esqueceram quem elas são. Gente, quem é a voz dessa mulher, se não ela mesma? Quem vai dar voz a essa mulher, se não ela mesma? O Agosto Lilás é apenas uma porta para que a mulher fale. A única pessoa que vai conseguir dar voz é você mesma. Diante de um senário econômico tão difícil que a gente vive em todo nosso país, eu entendo que muitas, por uma fragilidade econômica e financeira, elas permanecem. Mas eu só queria chamar a atenção pra algo, e eu volto para a primeira frase quando eu comecei: toda ameaça tem um fundo de verdade. Não apenas a boca fala o que o coração está cheio, mas o pensamento é o ensaio da ação. Então a gente precisa sempre estar atenta aquilo que a gente escuta todos os dias, está atenta todos os dias aquela mínima ameaça, muitas vezes em tom de brincadeira. Se você não der voz a voz que te ameaça, ela vai calar a sua. Você precisa estar atenta aos sinais. Todo mundo sabe disso, a psicologia hoje fala muito sobre isso, todo mundo dar sinal, gente. Não tem como você conviver com uma pessoa e, pelo menos, em cinco minutos do dia ela não mostrar pra você realmente quem ela é. E sabe o que é que acontece quando a mulher está fragilidade emocionalmente? Ela começa a dizer assim pra ela: ‘isso é coisa da minha cabeça’; ah, gente, isso é coisa da minha cabeça’. Se é coisa da sua cabeça, em algum lugar você ouviu. Se é coisa da sua cabeça e não é a sua realidade de agora, pode ser um trauma do passado. Então de todo jeito você precisa estar atenta. Tudo que é coisa da nossa cabeça, como diz o senso comum, precisa nos chamar atenção, porque se não é na minha realidade do hoje, se não é na minha relação do hoje, ela vem de algo lá de trás, e eu preciso cuidar. Então ou paramos, reparamos e nos cuidamos, ou não vamos ter espaço de cura através da fala, espaços de cuidado através da fala. Muito se fala hoje sobre a psicologia, sobre a ansiedade, sobre pânico, sobre depressão, mas pouco se fala em uma das coisas mais importantes que a psicologia nos presa nos presenteia, conhecer quem nós somos. E aqui eu não falo sobre um conhecer



quem nós fomos pra que suba uma superiorizarão e uma soberba, eu falo sobre conhecer quem nós fomos pra que a gente entenda. Carl Rogers fala muito sobre isso, que é um teórico que a gente escuta muito na psicologia. Mas pra que a gente entenda que dentro do ser humano existem todas as capacidades e tendências formativas pra que ele supere a ele mesmo. Não é Maria Gabrielli que está falando isso, são a maioria dos teóricos da psicologia, que é ciência. Então, falar sobre depressão, pânico, ansiedade é de extrema importância, mas falar também pra vocês que você precisa se conhecer para você entender as suas capacidades e não se acorrentar naquilo que te diminui como pessoa, é mais importante do que todos os outros transtornos. A psicologia poderia ter ganhado dimensão não apenas pelos transtornos, mas por um movimento gigante, chamado movimento de vida, gerar vida, vida saudável, vida fortalecida, uma vida com identidade de quem nós somos como pessoa. Então, a mesma pergunta que eu fiz a cada um de vocês: o que é uma mulher, quem é uma mulher? Eu peço que faça pra vocês mesmos: quem eu sou como pessoa? Será que toda essa temática, será que todo esse debate vai em congruência aquilo que eu vivo dentro da minha casa? Quem sou eu como pessoa diante do Agosto Lilás? O que é que eu tenho feito como pessoa diante do Agosto Lilás? O que é que eu tenho feito como pessoa diante do setembro amarelo? Que a gente está chegando em setembro e é importante também. O que é que eu tenho feito com a minha pessoa? O que é que eu tenho gerado naqueles que estão dentro da minha casa e naqueles que estão fora? Eu tenho gerado desejo de vida ou desejo de morte? É forte essa palavra, não é? Sempre quando eu falo esse desejo de morte, a gente pensa: 'nossa, tão forte uma psicóloga está falando sobre isso'. Olhe os tabus que a gente tem, a gente não consegue falar sobre morte, tristeza, mas se a gente não falar sobre eles, eles acabam nos encontrando algum dia. O que é que eu tenho gerado nos meus e naqueles que eu me proponho a encontrar na minha profissão, no dia a dia é desejo de vida ou é desejo de morte? Eu tenho gerado violência no meu olhar pra minha mulher, ou eu tenho gerado motivação? Eu tenho gerado na minha filha, na minha menina, na minha criança de cinco anos, respeito, idoneidade, honestidade, fidelidade pra que ela entenda o que é uma mulher, ou eu tenho gerado uma hipersexualização da criança? O que é que eu tenho gerado no meu filho, no meu garoto, que a mulher é sim uma pessoa que precisa ser respeitada, ou que ela é um objeto sexual? Se a gente não se atentar a esses detalhes, eles vão se tornar maiores do que a gente imagina daqui a cinco, dez ou até menos anos. Como que anda a minha educação para eu educar as minhas crianças? Como que anda a minha educação para educar a minha filha mulher pra que ela não seja vítima da violência lá fora? Como que anda a educação do meu filho homem pra que ele não seja um agressor lá fora? Por que é que não se fala nos agressores? Por que é que ninguém fala sobre eles? Por que é que ninguém para pra pensar como eles foram criados? O que que eles carregam na história? O que eles passaram na infância? Gente, Agosto Lilás não é só explicar para vocês cinco tipos de violências, é levar para vocês um olhar mais amplo do que a gente está desenvolvendo para um futuro bem próximo, porque somos responsáveis por essa geração que está aí, que todo mundo diz que é uma geração trabalhosa. Nós somos responsáveis, mas é mais fácil culpar o adolescente, não é? Mas nós somos os responsáveis sim. E se a gente não se responsabilizar por aquilo que a gente está gerando, plantando agora, a gente também vai colher. Psicologicamente falando, todos nós passamos e somos marcados por algo na nossa história, seja uma violência, seja um trauma, ou seja também os fortuitos da vida, que a gente não tem como controlar. Mas nós também somos responsáveis para fazermos algo com aquilo que nos atinge todos os dias. Eu não tenho controle do dia, eu não tenho



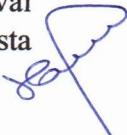
controle, muitas vezes, da minha relação com o outro, porque se relacionar está se vulneráveis muitas vezes a agressão do outro, seja na fala ou seja física, mas eu tenho sim, o controle do que fazer com aquela violência, para onde levar aquela violência. E infelizmente o que tem acontecido é que a gente não leva a violência para lugar nenhum, a gente guarda. E tudo aquilo que a gente vai guardando, vai nos adoecendo e vai nos destruindo como ser humano, vai nos aprisionando. Vocês acham que as mulheres que estão em situação de rua, ou aquelas que estão nos presídios, são as únicas que estão presas? Claro que não! E eu ainda digo a vocês que prisão pior do que aquela, não estou falando em fala física, mas emocional, é aquela que a gente estar livre, com a porta aberta, e muitas vezes não consegue sair. E se tem alguém na plateia que se percebe vítima de violência, entendam que toda essa minha fala não é para dizer assim a você: 'levante dessa cadeira e fale', porque eu entendo perfeitamente como é difícil levantar dessa cadeira e falar. Eu entendo perfeitamente como é um desafio gigante você levantar a mão e dizer: 'Por favor, alguém me ajude'. A fala do psicólogo, do profissional de saúde mental e de todos aqueles que falam sobre o Agosto Lilás, não dizendo a você, nem fazendo descaso da sua dor, dizendo que você está fazendo uma posição de victimismo. Não é isso, mas é para que, na sua própria consciência, você comece a fortalecer para uma hora você conseguir falar. O que a gente precisa inserir em você, semear mesmo como uma sementinha, é que você não se acomode nessa situação, é que você comece a gerar o desejo de um dia conseguir sair, porque volto a dizer: eu sei que não é fácil. E muitas vezes as mulheres se barram na barreira do preconceito: 'O que vão pensar de mim, o que vão falar de mim?'. No preconceito de, muitas vezes: 'vou ter que criar meus filhos sozinha, então eu prefiro ficar na violência'. A gente tem uma fala tão bonita e tão grandiosa sobre como os conceitos se ampliaram e se modificaram. A gente não pode modificar conceito não, a gente pode ampliá-los, o certo é certo, o errado é errado, e ponto final. É importante que você comece a quebrar as suas crenças limitantes, a quebrar aquele que te aprisiona e que não te deixa viver principalmente aquilo que você mais deseja, que eu tenho certeza que o desejo de todo mundo é viver bem e em paz. Se você conhece alguém que não deseja isso, essa pessoa não está bem. E muitas vezes os espaços de falas são barrados pelo preconceito. A mulher tem preconceito muitas vezes com ela mesma, porque muitas vezes ela criou uma expectativa, ela idealizou um posicionamento, seja profissional ou seja na sua vida pessoal, e ela não consegue quebrar-se, ela prefere ser quebrada. Ela não consegue quebrar-se, tirar essa idealização, e dizer assim: 'A minha vida real é essa e eu preciso de ajuda'. Ela prefere muitas vezes que a quebrem, que batam nela, porque é melhor manter um status, porque é mais interessante manter um status, porque da porta pra fora ninguém sabe, então está tudo bem. E aí ela comece a sorrir para a morte, ela comece a sair de casa desempenhando um papel que não é real. Ela comece a sorrir para o outro, mas na verdade ela está fugindo da agressão que ela sofre todos os dias dentro de casa. Eu tenho um pedido muito grande para fazer a todas as mulheres que estão aqui, mas aos homens também: abram as portas da sua casa. Eu não estou falando da casa física não, da casa interior. Se vocês não abrirem essas portas e assumirem a sua verdade, infelizmente a gente não vai conseguir ser suporte para a próxima geração, ou colocamos o pé na nossa verdade, a verdade liberta, ou colocamos o pé na nossa verdade, abrimos a porta da nossa casa interior e nos cuidamos, ou a gente não vai conseguir educar uma geração que diminua os números da violência, do suicídio, do homicídio. E não dá para fechar os olhos e dizer assim: 'que os pais tomem de conta'. Não podemos dizer que os pais tomem de conta, porque os pais estão precisando ser reeducados, porque os



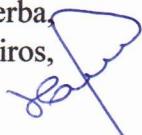
homens também estão precisando ser cuidados e reeducados, porque os homens estão precisando lembrar o que é uma família e uma mulher. E de quem é a responsabilidade? Será que são dos vereadores, do prefeito da cidade, do governador do estado? Porque a gente sempre joga a responsabilidade para o poder público. O poder público é todo responsável, se os prefeitos, governadores, vereadores não fizerem isso, a gente não faz. Se você não governar sua própria casa, em vão serão os governadores que você tem. Então precisa levar o Agosto Lilás para casa. Leve o Agosto Lilás para dentro da sua casa. Se responsabilize pela saúde mental, emocional e educacional sua e dos seus, porque da porta pra fora não importa. Está acontecendo uma inversão, não só de valores, mas uma inversão de prioridades, é melhor da porta pra fora sorrir para todo mundo, tratar bem todo mundo, e os de casa muitas vezes eu nem conheço. Eu vou fazer uma pergunta, que ninguém precisa responder. Estão todos sentados aqui me ouvindo, muitíssimo obrigada, mas você parou para ouvir alguém da sua casa hoje? Você parou para conhecer alguém da sua casa hoje? Você sabe o que sua mulher gosta ou seu esposo gosta, ou o que a sua filha gosta, o seu filho gosta? Eu atendo famílias também, e eu gosto de fazer um exercício bem prático e bem simples com eles, e vou fazer com vocês aqui. Eu sempre pergunto: Vocês tomaram café da manhã juntos hoje? A maioria diz: 'Sim, claro, todos os dias a gente senta na mesa'. E todas as vezes eu pergunto: 'qual era a cor da camisa da pessoa que estava sentada à sua frente? O que é que teu filho tomou no café da manhã?'. Não é só sentar na mesa, gente, é ser mesa. Isso é algo tão mínimo, quando a gente fala parece um detalhe tão simples, e por que é que a gente não faz? Porque a gente está mais conectado fora do que dentro, a gente está mais preocupado como que a gente passa a imagem fora do que dentro. A gente vive muito mais fora do que dentro. A gente está falando muito de Agosto Lilás fora, e está esquecendo de levar para dentro. E aí é um desafio, eu sei que é desgastante, eu sei que todo mundo hoje tem uma rotina apressada, mas eu também volto a lembrar a vocês, que todo mundo tem uma rotina apressada, mas todo mundo tem algo bonitinho, chamado autorresponsabilidade sobre suas escolhas. Então se você escolheu gerar, se você escolheu casar, se você escolheu ter e ser família, honre as suas escolhas, para que você da próxima vez, quando for conversar sobre Agosto Lilás, você saiba bem o efeito que ele faz dentro de sua casa. E eu tenho certeza de que quando a gente tomar responsabilidade pela casa, a gente vai entender o efeito e o poder, a potência que é um Agosto Lilás dentro de nossa casa. Conseguem perceber que a gente esqueceu as nossas casas? E aí o que é que acontece com o consultório de psicologia? Ele está superlotado. O que é que acontece nos ambientes terapêuticos? As falas gritantes. O que é que acontece quando sai de um ambiente terapêutico ou quando sai de uma sessão especial sobre o Agosto Lilás? Parece que ficou tudo aqui. A terapia, o processo terapêutico, o cuidado com o outro não é apenas no momento em que a gente está fazendo uma escuta, mas é depois. Então, o Agosto Lilás não é apenas nesse momento que vocês estão me ouvindo, é depois. E é isso que eu peço encarecidamente a cada um que aqui está, se auto responsabilize pelas suas escolhas, pare, reflita, reveja, ordene a sua própria vida, o seu próprio olhar, os seus conceitos, para que você comece a entender aquilo que muitas vezes você permite no seu dia a dia. Você permite ser violentada diariamente pela fala, pelo olhar do outro. E não estou falando sobre a gente crescer em arrogância, e começar a acreditar em uma autossuficiência que a gente vive sozinho, não. Eu não estou falando sobre isso, nascemos para ser suporte uns dos outros. Eu estou falando para que a gente comece a dar um basta nas pessoas que nos agredem seja com um olhar, com uma fala ou com a vida. E não é excluir essas pessoas, mas é colocar essas pessoas no lugar



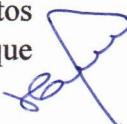
onde elas podem ser cuidadas, porque nem sempre a gente consegue cuidar daquele que nos agride. Muitas vezes a gente precisa direcioná-los para que eles sejam cuidados. Volto a tocar mais uma vez nesse nome: Espaços de fala, urgentemente. Falas construtivas que ajudem a sair das situações de violência. Falas terapêuticas, e falo isso e não tenho nenhum receio de, como psicóloga, dizer isso a vocês, terapia não é apenas no ambiente terapêutico. Quando vocês procuram um psicólogo, vocês estão procurando um ambiente de psicoterapia, é uma terapia através da psicologia, mas existem ambientes terapêuticos que não são feitos por psicólogos. Quer um exemplo bem simples? Sente na mesa com as pessoas de sua casa, solte o celular e converse com elas. Espaços de diálogos, isso é terapêutico. Quando eu falo sobre espaços de fala, eu não estou lhe dizendo que você precisa de um consultório psicológico, eu estou falando sobre falas terapêuticas, que nos ajudam a crescer como pessoa. E não é apenas sentar na mesa e falar sobre a agressão e apontar o agressor, mas é sentar na mesa e buscar soluções diante a agressão, porque só existe uma única coisa na violência e na agressão que a gente não pode modificar, é aquilo que já aconteceu. Então é um espaço de fala terapêutico, um espaço de fala que dê uma abertura para que a mulher se sinta cuidada e que ela busque sim, cura. Para finalizar, eu gostaria de dizer a vocês que a omissão da violência é maior do que a gente imagina. Muitas vezes a omissão também dá ajuda, ela é um agravante na saúde emocional, física, na vida social do indivíduo. Então, não podemos continuar omissos diante de tanta agressão espalhada no mundo inteiro. A omissão é pior do que todas as outras violências, é você fingir que não vê a agressão. Eu gosto de dizer às minhas pacientes que a lágrima pior é aquela que é ignorada, aquela lágrima invisível, que você vê que o outro está chorando e você finge que não está vendo. Você ver que o outro está sofrendo, você finge que não está vendo. Então vamos parar de ser omissos, vamos parar de omitir, porque muitas vezes só precisa de um: 'Eu estou aqui'. E volto a chamar a atenção para esse espaço do Agosto Lilás dentro do espaço de sua casa, hoje é trinta de agosto, amanhã é trinta e um, mas segue pelo ano inteiro. Volto a pontuar o ponto que eu acredito que é o mais importante da minha fala hoje, que é o que eu queria que todos levassem para casa: a educação das nossas crianças, porque tudo que vem acontecendo de violência, tudo que vem acontecendo de números de suicídios, tudo que vem acontecendo de adoecimento mental, a gente precisa correr para ajudar e acolher, mas se a gente não for na raiz do problema, a gente vai ficar enxugando gelo. Então precisamos levantar o olhar atentamente, urgentemente para a raiz do problema, que são as nossas casas, e é nossa responsabilidade. Cuidem de você, se priorizem, reparem, e principalmente, falem. Falem, porque se você não falar, ninguém vai dar voz a você. Eu gostaria de agradecer, Tide, muitíssimo obrigada. De todas as Câmaras que eu fiz palestra esse mês de agosto, eu acredito que apenas aqui a mulher é Presidente. E eu fico muito feliz, porque minha cidade é minha casa, como eu gosto de dizer, e é tão importante quando a gente consegue perceber o crescimento da mulher, não apenas nesse lugar profissional, mas esse crescimento do olhar da mulher para as outras mulheres, não apenas no Legislativo, mas quando a gente pensa que a mulher consegue olhar para outras mulheres, eu acredito que ela já é grandiosa. Então, muitíssimo obrigada pelo convite, Brígida, Milena, a todos. Gente, saúde mental não é brincadeira. Violência não é brincadeira, mas além de todas essas palavras que a gente fala que é bonito, que o psicólogo gosta de chamar a atenção, lembrem disso, que a nossa vida não é brincadeira, e se a gente não cuida da nossa vida, se a gente não ampara a nossa vida, se a gente não respeita a nossa vida, a gente não vai respeitar a de ninguém. Se eu não respeito a minha própria vida, se eu não sou justa



comigo, eu não vou ser justa com ninguém. Então voltem o olhar para as suas casas, e abram a porta da sua casa interior, cuidem, eduquem as meninas e os meninos, para que o número de violência não tome conta do mundo e da nossa vida, para que a gente não se violente cada vez mais, quando a gente olha as estatísticas. Lembrem disso, a cada seis horas uma mulher é vítima de violência, e não é apenas uma mulher, é todo um contexto, quando uma mulher é violentada, toda sua casa é também. Então se você parar para pensar, só nesse dia de hoje várias famílias foram atingidas pela violência. E não é só um indivíduo, é uma família, e a gente precisa cuidar delas. obrigada a todos, eu agradeço a oportunidade.” Com a palavra, o Cerimonialista disse: “Em tempo, eu gostaria de registrar a presença agora da irmã Maria de Fátima, que está ao lado da irmã Aparecida Grazieli, diretora do Colégio Cristo Rei. Sejam bem-vindas! Agradecer também a presença da Secretaria Executiva de Estado da Mulher, que está aqui conosco, Cristiane Almeida. Agradecer ainda a jornalista Iamara Fernandes, a minha querida amiga Edilene, diretora do Colégio Fera. Agradecer a todos que estão chegando e, na medida do possível, a gente vai registrando, a partir do momento que a gente tem informação que nos é repassada pelo cerimonial. Com a palavra, a **jornalista Dilany Silva** disse: “A criação dessa cartilha é um testemunho do poder, da colaboração e da vontade de fazer a diferença não só no seio feminino, mas em todos os outros espaços. Ela é o resultado de esforços coletivos, de vozes que se recusaram a ser silenciadas e também de corações que se uniram em prol de um futuro mais justo para todos nós. Eu convido neste momento Lídia de Moura Silva, Secretária de Estado da Mulher e da diversidade humana para uma breve fala. Ela é uma importante colaboradora dentro desse processo, recebam com uma salva de palmas.” Com a palavra, a **Senhora Secretária Lídia Moura** disse: “Boa noite a todos e a todes, e faço a ressalva do tanto que é importante mencionamos o todes, lembrando que a língua portuguesa é um organismo vivo e que precisa se adaptar aos novos tempos e ao respeito com as pessoas. Essa não é uma linguagem neutra, é uma linguagem inclusiva, como nos ensina a professora Maria Helena Moura Ramos. Eu quero cumprimentar a presidente desta Casa, Vereadora Tide Eduardo, também a Vereadora Fatinha Bocão, e em nome dessas eu quero cumprimentar todos os vereadores e vereadoras que fazem esta sessão tão importante. Cumprimentar Dilany Silva, que tão brilhantemente tem conduzido esse cerimonial, junto com seu colega. Cumprimentar Gabrielli Alves, psicóloga, que falou para nós ainda há pouco, Milena Brito, presidente da FUNES; a companheira Cristiana Almeida, minha Secretária Executiva lá na Secretaria da mulher e da diversidade humana do estado; o vice-prefeito professor Jacob, uma honra estar por aqui novamente; a delegada Sílvia Alencar, uma grande parceira nesta luta em prol da garantia dos direitos da mulher. Eu queria aproveitar essa oportunidade de uma plateia tão bonita, Vereadora Tide, todo mundo de lilás, que é muito bom, porque é uma mobilização que se faz necessária, é uma mobilização no agosto, mas nós que trabalhamos para cessar a violência contra as mulheres, é um momento que a sociedade percebe um pouco mais, é um momento de dar visibilidade a esta causa. Então é muito importante essa mobilização. Eu quero muito chamar a atenção de uma pessoa, e eu deixei por último mesmo para destacar, que tem feito a diferença na vida das mulheres na cidade de Patos, que é a Secretária Brígida. A Secretária Brígida, que é a Secretária da Mulher aqui no município, tem sido incansável. Ela, quando vai lá na Secretaria de Estado, ela quer sempre trazer mais possibilidades. Chegou lá, outro dia lá, pra nós, e trouxe Vereadora Fatinha, a história da cartilha. Disse: ‘eu estou sem verba, eu já consegui com os artistas, consegui com a FUNES, consegui com outros parceiros,



mas estou sem a verba'. Eu disse: Brígida, vamos ver como é que eu consigo pagar esta conta. E aqui está um resultado primoroso, de juntarmos várias pessoas, vários entes, porque esta política só será sustentável quando se fizer da maneira como Brígida está fazendo na cidade de Patos, envolvendo outras instituições. Veja que a Casa Legislativa, quando se organiza e se mobiliza, também está dando uma resposta para a sociedade. E nós precisamos de uma resposta para sociedade, porque eu quero trazer a triste notícia para vocês aqui, que é constatada por pesquisas, não sou eu que estou dizendo, por anos e anos de observação, porque nós atendemos milhares de mulheres todos os meses, todos os dias, é que nenhuma mulher consegue sair do ciclo da violência sozinha, ela precisa sim do poder público e da sociedade. A última coisa que uma mulher precisa é de julgamento. Então, por isso é que no protocolo do feminicídio no Estado da Paraíba é vedado aos agentes públicos disserem por exemplo aquela frase terrível: 'você aqui novamente'. Quando a mulher retorna dentro de um ciclo de violência, ela precisa ser amparada. E a violência é de uma complexidade tal, que muitas vezes ela precisa de muitos encaminhamentos, amparos e orientações, porque ela está tão machucada que, às vezes, o ciclo da violência, ela se quer percebe na sua extensão total, porque muitas vezes essa violência é percebida muito mais na violência física, ela é compreendida melhor. Mais a violência psicológica, a violência moral, patrimonial e outras violências, é mais difícil, porque enquanto a mulher está suportando, muitas vezes ela vai acreditando que aquilo pode ser revertido. E a gente não pode esquecer que a violência acontece muito mais no âmbito familiar, dentro da casa, dentro do lar. Aquela relação que um dia foi uma relação de amor, como é que aquela mulher vai encarar aquilo, muitas vezes ela acredita que pode dar um jeito, que algo saiu errado e saiu do controle, e que ela vai poder alterar aquela trajetória. Ela não acredita que aquilo não tem jeito. Muitas vezes não tem jeito, precisa de um fim. Então nós estimulamos a denúncia, mas nós entendemos que a mulher tem que ser amparada, respeitada a sua autonomia, quantas vezes for necessária. A casa abrigo, por exemplo, que nós temos, que recepciona mulheres, seus filhos e filhas até a idade de dezesseis anos, se ela decidir sair da casa, e, infelizmente, ela precisar voltar, ela vai voltar, será amparada, e nós nunca vamos perguntar porque que ela não sai da violência, porque a violência é complexa. Veja, a casa, o lar, é o lugar mais seguro, mas para mulher que sofre violência é o lugar menos seguro. E para não me alongar muito, eu preciso trazer alguns fatores históricos desse processo de como a mulher foi tratada ao longo do processo histórico do mundo. Então, veja, preciso repetir aqui que nós mulheres levamos oitocentos anos para ter o direito de ingressar nas universidades, da forma como nós conhecemos universidades hoje, que surgem em Bologna, em 1030, porque há experiências na antiguidade, mas eu digo de forma organizada, como as universidades são hoje, foi em 1030, e as mulheres só tiveram direito de ingressar nas faculdades oitocentos anos depois. Isso há reflexo para os dias atuais. O direito de votar nós só adquirimos em 1922, no Brasil em 1934, quando um Decreto de Getúlio Vargas permite esta possibilidade, embora tenhamos tido uma experiência, em 1928, no Rio Grande do Norte, com Alzira Soriano, que foi depois desautorizado. Em 34, dentro os 214 eleitos, apenas uma mulher, Carlota Pereira de Queiroz, uma paulista, que por sinal se reelegeu. A gente tem a experiência do mundo, e eu não quero fazer a história completa, eu vou pinçar alguns fatos para gente refletir, a gente tem na história da humanidade, a revolução francesa: igualdade, liberdade e fraternidade, um marco dos direitos civis, as mulheres participaram daquele processo. E o que acontece quando se fez a carta dos direitos humanos? Se inscreveu, embora tivessem mulheres mortas naquele processo, e que

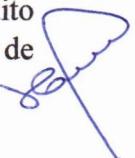


construíram aquela revolução, se fez o direito do homem e do cidadão. E havia uma mulher que não desistia, Olímpia de Gouges, que disse: ‘não é possível, tem que incluir as mulheres. Que façamos uma carta dos direitos humanos’. ‘Não, não vamos fazer’. ‘Que façamos dos direitos do homem e da mulher’. Não se fez. Ela então escreve uma carta, e eu aconselho que todos possam ler, tem facilmente na internet, os direitos da mulher e da cidadã. O que acontece com Olimpia? Ela foi guilhotinada, acusada de sabotar a revolução. Trago esses fatos, e teria muitos outros para elencar aqui, como o fato de que as mulheres, em determinados momentos da história, não tinham alma; se não tinha alma, não podia fazer a interlocução com Deus, então eram maridos, irmãos, tios, um filho, menos ela própria. Você vai dizer: ‘que besteira, ela poderia falar, quem saberia?’ Lembre-se que nós não tínhamos o nível de informação que nós temos hoje, e que havia a ideia que se ela desobedece àqueles dogmas da igreja, ela iria para o inferno. Então precisou o Conselho de Trento, sentar, votar e dizer: ‘não, a partir de agora as mulheres têm alma’. E a gente ganhou por apenas dois votos, se tivesse tido mais um voto de um cardeal, tinha dado empate, o voto de Minerva era do Papa, e muito provavelmente na história tinha pendurado por mais tempo esse absurdo. Mais as mulheres como é que foram encontrando esses desafios ao longo do processo histórico, as mulheres desistiram? Não, as mulheres sempre fizeram revoluções. Todos os dias, as mulheres se uniram para fazer revoluções. Fizeram todas essas revoluções sem disparar um único tiro, sem criar um campo de concentração, sem jamais fazer uma guerra. E todas as lutas das mulheres foram em prol de toda sociedade. Vou pular agora para Constituinte, para não alongar muito. Também aconselho vocês a lerem, facilmente na internet a gente encontra, a Carta das mulheres aos constituintes de 1987, quando as feministas lançaram para o Congresso Nacional, e conseguiram impor na Constituição mais de 200 emendas que beneficiam o estado brasileiro e a sociedade brasileira. E não cuidou só dos nossos interesses essa carta, nós cuidamos de criar o que agora na pandemia viu o tanto que é necessário a intervenção, e de como as mulheres fazem política. Nós, nessa carta, criamos o SUS, que foi uma invenção das mulheres, com esse mesmo nome, sistema único de saúde. Está lá, nessa carta de 1987, o sistema universal. Foi lá nesse documento que nós trouxemos a obrigatoriedade do estado brasileiro compreender de onde viemos, e trazer a história de África aos estudantes de Direito, também está nesta carta o fim do pater poder, mudando para o pater familiar, em que as mulheres também podem ser chefes de família, como são hoje, a maioria, no estado brasileiro, na nação brasileira. Então eu trago isso para dizer para vocês, para gente refletir, é que essa questão de as mulheres estarem fora do poder, como nós ensina a filósofa Hanna Arendt, é uma invenção das piores. Para as mulheres foi sempre destinado o espaço privado, do cuidado do lar, das ‘atribuições’ tidas como menores; para os homens foi destinado o espaço em sociedade, onde se decide a vida pública. E nós precisamos todos os dias refazer esse caminho. Então é muito importante que este legislativo se debruce, como está fazendo aqui hoje, em uma campanha que é fundamental ainda, porque se temos violência, ela ainda é fundamental. Esta Casa faz muito bem de dialogar com as mulheres e representações, como a Secretaria das Mulheres, por onde podemos caminhar, como podemos ajudar, é ter um olhar de gênero na política e nas ações que vocês desenvolvem aqui, da maneira como fazem as leis para essa cidade, observando que nós mulheres precisamos estar dentro do contexto de sociedade, alcançando e participando das decisões públicas, porque é assim que nós vamos tirar essa diferença infame de as mulheres serem tidas como cidadãs de segunda categoria. Mais, enfim, dito isto, quero voltar para esta lindíssima cartilha que aqui estar,

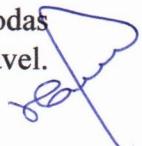
que é o resultado de um trabalho conjunto, que vai auxiliar para a compreensão do direito das mulheres. É uma cartilha didática que vai trazer uma parte de legislação, tanto local, quanto das leis federais, que vai falar de alguns programas que podem beneficiar as mulheres. E isso é importante que se faça, porque é a partir de iniciativas como essas que nós estamos a dizer, que como eu disse aqui no princípio, as mulheres não conseguem sair sozinha do ciclo da violência, então elas precisam do que nós chamamos, de quem faz o atendimento às mulheres, principalmente o que o serviço social chama de rede primária, eu chamo de rede solidária. Quem é essa rede primária que pode ajudar contra a violência? O vizinho, o colega de trabalho, o familiar, o amigo, o parente, todos eles podem ajudar. Não é possível que você consiga dormir bem ao ouvir os gritos da mulher, no meio da noite, sendo espancadas, e você não vá pelo menos ligar para o 190 ou para o 197 denunciando essa violência. O ato de você tomar uma atitude naquele instante, você pode estar evitando o feminicídio. E aí finalmente dizer para vocês que sinto muito orgulho de nós termos um fórum de gestoras na Paraíba, e Patos tem contribuído muito, a partir da Secretaria Brígida, a partir dos atos do Poder Executivo, tanto que quando eu reivindiquei, briguei lá em Brasília, que me disseram que a Casa da Mulher Brasileira só poderia ir para os municípios com mais de quinhentos mil habitantes, professor Jacob. Eu disse: mas não é possível na Paraíba só João Pessoa, nem Campina Grande não estava. Vai para Campina Grande. Campina Grande me perdoe, é minha terra, mas eu disse: não, eu preciso de uma casa em Patos. Por que em Patos? Porque precisamos interiorizar essas ações. E eu quero dizer pra vocês que não só foi aceito pelo Ministério da Justiça, pelo Ministério das Mulheres, a Ministra das mulheres veio aqui, Brígida estava lá conosco, tanto em Brasília, quando eu comecei essa briga, essa confusão lá, quanto no evento da Ministra, e o Prefeito Nabor já enviou toda documentação que a cidade Patos precisava apresentar pra entrar no processo de licitação. Foi um dos primeiros do país, e foi numa rapidez que eu fiquei muito impressionada. Quando eu mandei pra o Ministério, eu disse: eu não acredito já temos tudo aqui. Então a cidade de Patos já mandou essa documentação, e eu espero que a gente, em um espaço breve, tenhamos mais um instrumento, porque nós temos uma rede eficiente no Estado da Paraíba, mas essa casa vai ser muito importante nesse processo sim. E por fim, dizer pra vocês que as mulheres são o portal pra trazer a vida a terra. É isso que somos, com todo respeito àquelas que não desejam a maternidade, e eu comproendo e respeito sim, respeito muitíssimo. Mas àquelas que desejam a maternidade, nós somos o portal que traz a vida a terra, as transmasculinidades também trazem, porque têm um útero na sua forma morfológica, embora sejam homens trans na sua identidade de gênero. Mas como eu dizia, as mulheres são o portal pra trazer a vida a terra. Então, quando se mata uma mulher, quando se permite, quando se omite, diante das violências que as mulheres sofrem, nós estamos matando a humanidade. É disso que se trata. Então esse agosto lilás é bem-vindo, porque ele mobiliza, porque ele cumpre um papel de envolver a sociedade nessa responsabilidade que os municípios têm e a Lei Maria da Penha é muito feliz nisso. Não é uma lei punitivista, é uma lei que obrigações para os entes da federação, tem obrigações em relação ao atendimento às mulheres, os Municípios, os Estados e a União. Então é disso que se trata, e todos e todas devem contribuir para ajudar as mulheres a saírem do ciclo da violência. Eu parabenizo a cidade de Patos, a Secretaria Brígida, ao Vice-Prefeito, aqui representando o Poder Executivo, parabenizo a Vereadora Tide e todos os vereadores aqui presentes, os que fazem esta Casa, todos os órgãos. Eu não citei todos, mas eu vejo ali a diretora do presídio Alexsandra, a diretora da Maternidade, e tem várias pessoas que nós poderíamos citar, e todas são muito



importantes, a imprensa enfim. E dizer pra vocês que nós na Secretaria de Estado da Mulher e diversidade humana estamos à disposição. O governador João Azevedo tem determinado que essas políticas sejam interiorizadas, e nós já estamos nesse momento no diagnóstico pra trazer a patrulha Maria da Penha para a região do sertão, que são oitenta e nove cidades, e teremos provavelmente quatro bases. Já iniciamos o processo de treinamento e todo diagnóstico já está em fase de finalização. Muito obrigada a todos vocês, a todas vocês, e a todos vocês.” Com a palavra, o Cerimonialista registrou as presenças da senhora Alexandra Malaquias, diretora do presídio feminino da cidade de Patos, como a sua adjunta, Janaína Kely.” Com a palavra, a **Jornalista Dilany Silva** disse: “Gente, esse é um documento importante, feito com muito carinho, mas também com muito propósito. A nossa capa foi simplesmente desenhada pelo artista Alex Souto, e é uma capa que fala sobre diversidade e dentro dela são quinze leis estabelecidas: municipais, estaduais e federais, e se vocês virarem a contracapa, a Lei Maria da Penha já está posta pra que todos nós possamos simplesmente entender cada vez o quanto essas leis são importantes. E de forma breve, eu gostaria que Ademar fosse passando, nós temos aqui todos aqueles que contribuíram conosco, vejam a importância de juntar forças, conhecimentos, expertises e performar em prol de um documento como esse. Daqui a pouco eu vou trazer as pessoas que estiveram presentes nesse contexto de criação. Vocês vão perceber que toda cartilha é ilustrativa, e as pessoas perguntavam: por que colocar tantas ilustrações? O nosso objetivo é trabalhar essa cartilha dentro das comunidades, levar para as escolas esse testemunho de documentos e fazer as meninas e os meninos entenderem logo cedo quais são seus direitos. Eu tenho uma filha de dez anos de idade, e eu conversava com ele sobre a cartilha e mostrava pra ela o nosso power point: Ana, o que você acha desse documento? ‘Nossa, mãe, dá pra entender que aqui tem uma pessoa má’. Existe as faces das pessoas, o sofrimento está intrínseco em tudo que foi feito de forma ilustrativa. A nossa conversa é sobre integrar esse conteúdo a todas as idades, as mulheres estarão representadas em todas as suas formas. Vocês viram a lactante, aquela que é mãe, daqui a pouco vocês vão perceber que nós estamos falando de todos os direitos, mas também de como as mulheres podem acessar. Quando vocês veem aí: o que é necessário? É pra que a gente possa estruir crianças, adolescentes, mulheres na fase adulta e idosas, de como eles podem entender sobre essas leis, os seus direitos, mas, principalmente, como nós acessamos essas leis. Muitas é isso que não nos é explicado. Quando nós fazíamos a junção de todas essas leis, muitas leis, inclusive, são aprovadas aqui nesse espaço, porém muitas delas são muitas parecidas, porque as pessoas querem fazer leis, porém, enquanto sociedade, nós não entendemos delas. E a cartilha traz um pressuposto de fazer com que o Legislativo, por exemplo, pensa enquanto lei seja acessível para o um entendimento, para o entendimento de um adolescente, pra o entendimento de uma criança que tem dez anos, por exemplo. Então, o que nós queremos com a cartilha é incluir. Não é só formar, mas é também informar. E está aí o papel de todos nós hoje aqui representados. Vocês vão ver que em todas as páginas nós trabalhamos o que é necessário, porque nós queríamos de verdade, que as pessoas que lessem a cartilha, elas conseguissem entender sobre a lei. E como eu posso fazer uso disso em benefício próprio, em benefício de outra mulher que esteve em situação de violência. A cartilha fala estritamente de mulheres, mas principalmente de sociedade. E por isso eu gostaria na verdade que a nossa plateia estivesse lotada de homens, porque o que eu percebo é que nós precisamos muitas vezes de formá-los muito mais, de formá-los muito mais, trazer eles pra essa conversa. E a cartilha também vai chegar a todos eles a partir de

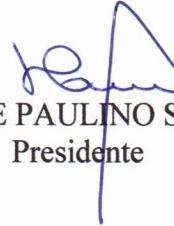


outras diretrizes, de outros trabalhos que serão feitos pela secretaria, em parceria com a FUNES, em parceria com a AISP, e em parceria com a Presidente Tide e a Câmara Municipal, o trabalho é colaborativo, é conjunto, e por isso nós trazemos resultados como esse. Vocês percebem que nós falamos de uma maneira muito fácil, inteligível e, muitas vezes, é exatamente a partir dessa compreensão que nós precisamos. O que é feito, por exemplo, numa Casa como essa precisa chegar aos nossos ouvidos de uma maneira inteligível. E nós tivemos essa preocupação a partir da cartilha. Os diretos da mulher idosa, eu estava conversando em casa que essa senhora me toca profundamente. Trazer o estatuto do idoso pra dentro dessa cartilha é exatamente acender uma luz pra dizer que essa mulher possivelmente passou a sua vida inteira sendo violentada. E na fase da idade adulta, ela simplesmente vai entender dos direitos dela. E por isso nós precisamos cuidar das nossas casas, com bem diz a psicóloga Gabriele. Então nós queremos trazer a inclusão pra dentro dessa cartilha, a partir de todos os nichos de mulheres. Isso é muito importante. E mais do que isso, quando nós chegamos ao final dessa cartilha, falando do Estatuto do Idoso, vocês também verão o não a violência doméstica, pra lembrar que esse espaço que muitas vezes, todos os dias, é o maior espaço de mulheres somos violentadas, dentro das nossas casas. Então tem nessa cartilha todo um pressuposto de trabalhar o que nós somos, onde e quando nós vivemos e, principalmente, com quem nós vivemos. E entender que esses direitos precisam estar estabelecidos desde a nossa casa ao nosso ambiente de trabalho, à escola, à praça, ao momento aonde nós vamos procurar por saúde, em todos os espaços, nós precisamos estar entendendo qual o nosso direito. E por que nós precisamos exigir com qualidade e respeito? Eu gostaria de chamar nesse momento, pra fazer uma breve homenagem Brígida Emanuele e Sidelino Andrade, que é Secretária Executiva de Políticas Públicas para as Mulheres. Gostaria que vocês fossem se colocando aqui à frente; a Milena Alves da Silva Brito Wanderley, Presidente da Fundação Ernani Sátiro - FUNES, que participou da produção dessa cartilha; Bruna Simões Leandro, advogada do CRAM; Joseli de Lima Medeiros Assis, Presidente do Conselho do Idoso e também representante do Conselho da Mulher, Mayres de Morais Pereira Limeira, assessora jurídica da Fundação Ernani Sátiro – FUNES; a senhora Séfora Cândido, representando Odinete Rodrigues Maranhão, que é assessora jurídica da Maternidade Doutor Peregrino Filho; Rafael do Santos Amorim, advogado do CREAS; Roberta Lívia de Sousa, secretária administrativa da Casa dos Conselhos Municipais; os nossos parceiros: Lídia de Moura Silva, Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana; eu estou hoje representando a ISPE, enquanto comunicação patoense, e a diagramação dessa cartilha o Alex Souto, que fez um trabalho brilhante à frente de toda essa arte exposta na nossa cartilha. Eu gostaria que vocês dessem uma salva de palmas pra essas pessoas corajosas que estão aqui. O nosso intuito é democratizar os direitos e torcer que, à medida que ao abrirmos as páginas dessa cartilha, possamos encontrar inspiração para continuar lutando pela igualdade de gênero, independente da raça, da classe, da religião ou da orientação sexual. Que cada direito registrado nessas páginas, senhoras e senhores, sejam um lembrete constante, de que nossas vozes importam e que juntas nós somos impáveis. Eu agradeço a todos que contribuíram para tornar essa cartilha uma realidade, e agradeço a todas as mulheres que persistem e registrem diante das adversidades. Que esse lançamento seja apenas o começo de um momento contínuo em direção ao mundo onde os direitos femininos não são apenas reconhecidos, mas respeitados em sua totalidade. Hoje nós celebramos não apenas uma cartilha, mas todas as mulheres e homens que lutaram e continuam por um mundo mais justo e sociável.



Vamos adiante com determinação, com esperança e com a certeza de cada passo nos aproxima de um futuro onde os direitos femininos são uma realidade inquestionável. Obrigado a todos por estarem aqui hoje. Multipliquem essa cartilha onde forem, sejam propagadores. Muito obrigada.” Com a palavra, a Senhora Presidente disse: “O nosso muito obrigado a todos os que contribuíram com essa Sessão Especial. Quero diante mão, agradecer aos nossos colegas parlamentares que vieram participar: a Vereadora Fatinha Bocão, Vereador Emano Araújo, Vereador Ítalo Gomes, Vereador Décio Motos e Vereador Villa da farmácia, que vieram prestigiar essa Sessão Especial, que todos aprovaram o Requerimento. Aqui nesta Casa nós não faremos nada só, temos que ter aprovação dos demais, na coletividade. Quero agradecer a Brígida, a Milena, a Gabriela, que veio abrilhantar aqui essa noite. E tenho certeza que a sua mensagem ficou na mente de todos nós. A Lídia, o nosso obrigado, Lídia. Quando se fala de mulher, quando se fala de respeito no nosso dia a dia, e quando eu via você falar aí passava a história na mente das mulheres o quanto nós evoluímos, mas que precisamos. E quando se fala em nós mulheres, nós temos aquela sobre carga de ser uma excelente profissional, de ser a mãe, de ser uma mulher, ou seja, nós temos toda essa carga em cima de nós, mas nós somos fortes e resistiremos. Então o nosso agradecimento a todos que vieram nesta noite aqui. Sintam-se todos acolhidos. E tenho certeza que essa Sessão Especial vai ficar marcada nas nossas mentes. Então, em nome da Câmara Municipal, quero agradecer a todos que vieram nesta noite, o nosso muito obrigado. Gostaria que, por gentileza, registrar na nossa Casa uma fotografia da nossa Sessão Especial. Quem puder e quiser fazer parte da foto, sinta-se convidado, pra gente alimentar a nossa rede social, como também o nosso site.” Não havendo nada mais a tratar, agradecendo e presença de todos, a Senhora Presidente deu por encerrada a presente Sessão Especial às vinte horas e trinta minutos.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS/PB (CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA). EM, 30 DE AGOSTO DE 2023.



VALTIDE PAULINO SANTOS
Presidente



EMANUEL RODRIGUES DE ARAÚJO
1º Secretário



WILLAME ALVES DE LUCENA
2º secretário “Ad hoc”